

FICHA INFORMATIVA: O CAMINHO FUTURO NO AFGANISTÃO E PAQUISTÃO

A NOSSA MISSÃO – O discurso do Sr. Presidente reafirma o objectivo central de Março de 2009: o de desintegrar, dismantelar e, no final, derrotar a Al-Qaeda e impedir o seu retorno tanto para o Afeganistão como para o Paquistão. Para este fim, nós e os nossos aliados reforçaremos os nossos contingentes militares para enfrentar os elementos insurgentes e estabelecer a segurança nos centros populacionais importantes, treinar as forças afegãs, transferir a responsabilidade para um parceiro afegão apto e consolidar a nossa parceria com os paquistaneses que confrontam as mesmas ameaças.

A região é o núcleo do extremismo violento global promovido pela Al-Qaeda, e foi de onde provieram os ataques de 11 de Setembro. Novos ataques estão actualmente a ser planeados ali, o que é um facto corroborado pela recente conspiração desvendada e dismantelada pelas autoridades americanas. Não permitiremos que o Talibã transforme o Afeganistão num porto seguro a partir do qual os terroristas internacionais nos possam atacar a nós e aos nossos aliados. Isso representaria uma ameaça directa para o território americano e é uma ameaça que não poderemos tolerar. A Al-Qaeda ainda está no Paquistão, de onde continua a planear ataques contra nós e onde eles e os seus aliados extremistas representam uma ameaça para o Estado paquistanês. O nosso objectivo no Paquistão é garantir a derrota da Al-Qaeda e a estabilidade do país.

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO – A avaliação foi um processo deliberado e disciplinado, em três etapas, para verificar o alinhamento dos objectivos, os métodos para alcançar esses objectivos e, finalmente, os recursos necessários. Durante um período de dez semanas, o Presidente presidiu a nove reuniões com a sua equipa de segurança nacional e consultou aliados e parceiros importantes, entre estes os governos do Afeganistão e do Paquistão. O Presidente concentrou-se em fazer as perguntas difíceis, dedicou o tempo necessário para considerar cuidadosamente todas as opções e consolidou os vários pontos de vista divergentes do seu gabinete antes de concordar com o envio de mais americanos para a guerra.

Como resultado dessa avaliação, definimos um foco para a nossa missão e desenvolvemos um entendimento comum no que diz respeito à nossa abordagem regional e à necessidade do apoio internacional. Destacaremos rapidamente as forças no Afeganistão e tiraremos proveito desses recursos adicionais para criar condições para iniciar o processo de redução das forças de combate no Verão de 2011, mantendo, simultaneamente, uma parceria com o Afeganistão e com o Paquistão para salvaguardar os nossos interesses de longo prazo na região.

As reuniões concentraram-se em encontrar as melhores formas para garantir a eliminação da ameaça da Al-Qaeda na região e o restabelecimento da estabilidade regional. Analisámos a fundo

o alinhamento das nossas iniciativas e o equilíbrio entre os recursos civis e militares, tanto no Paquistão como no Afeganistão, e as iniciativas dos Estados Unidos e da comunidade internacional.

Ponderaram-se diversas questões em profundidade: interesses nacionais, objectivos e metas fulcrais, prioridades do combate ao terrorismo, portos seguros para grupos terroristas no Paquistão, o estado das forças militares globais dos Estados Unidos, riscos e custos inerentes ao destacamento de tropas, requisitos de destacamentos globais, cooperação internacional e compromissos para com o Afeganistão e o Paquistão e a capacidade do Afeganistão em todas as áreas, incluindo as Forças de Segurança afegãs, a governação e a corrupção a nível central e subnacional (nomeadamente o narcotráfico) e questões económicas e de desenvolvimento.

O QUE MUDOU DESDE MARÇO – Desde que o Presidente anunciou, em Março, o nosso compromisso renovado, diversos eventos importantes levaram o governo a reavaliar a sua abordagem em relação ao Afeganistão e Paquistão: uma atenção renovada concentrou-se nesses dois países, os Estados Unidos estabeleceram uma nova liderança no Afeganistão, o Paquistão redobrou os seus esforços no combate a extremistas, e a situação no Afeganistão agravou-se.

Os Estados Unidos designaram novos líderes civis e militares para o Afeganistão, com a nomeação do Embaixador Karl Eikenberry como seu Embaixador no Afeganistão e do General Stanley McChrystal como novo Comandante da Força Internacional de Apoio à Segurança (ISAF) no Afeganistão. À chegada ao Afeganistão, o Embaixador Eikenberry e o General McChrystal reconheceram que, após oito anos de uma provisão inadequada de recursos, a situação estava pior do que se pensava. O Embaixador Eikenberry e o General McChrystal publicaram conjuntamente um novo Plano de Campanha Civil-Militar para integrar as iniciativas dos Estados Unidos em todo o país.

O processo eleitoral difícil e prolongado no Afeganistão e os sinais patentes da ausência de um Estado de Direito evidenciaram claramente as limitações do governo central em Cabul.

Entretanto, no Paquistão, os paquistaneses mostraram uma nova determinação em derrotar os militantes que haviam estabelecido controlo sobre o vale de Swat, localizado a cerca de apenas 90 quilómetros de Islamabad. Os dirigentes políticos paquistaneses – entre estes, os líderes de partidos da oposição – uniram-se no apoio às operações militares do Paquistão. Neste Outono, os paquistaneses expandiram a sua luta contra os extremistas, avançando para as regiões tribais de Mehsud, no Waziristão do Sul, ao longo da fronteira com o Afeganistão.

O CAMINHO FUTURO – O Presidente decidiu destacar mais 30 000 efectivos americanos para o Afeganistão. Estes efectivos serão destacados num cronograma acelerado para reforçar os 68 000 americanos e os 39 000 efectivos não americanos da ISAF que já se encontram no país, para que possamos enfrentar os insurgentes, travar o seu ímpeto e aumentar a segurança nos centros populacionais. As tropas aumentarão a nossa capacidade de treinar Forças de Segurança afegãs eficazes e de forjar parcerias com estas para envolver mais afegãos no combate. Com a promoção dessas parcerias, poderemos levar a cabo a transição de responsabilidades para o Afeganistão e começar a retirar as nossas tropas de combate no Verão de 2011. Em suma, estes

recursos permitir-nos-ão empreender os esforços finais necessários para treinar os afegãos de forma a podermos transferir responsabilidades.

Manteremos este nível intensificado de forças nos próximos 18 meses. Durante esse período, realizaremos avaliações regulares do nosso progresso e, a partir de Julho de 2011, transferiremos a responsabilidade principal pela segurança aos afegãos e daremos início ao processo de retirada das nossas forças de combate do Afeganistão. À medida que os afegãos assumam responsabilidade pela sua segurança, continuaremos a aconselhar e apoiar as Forças de Segurança do Afeganistão e a manter uma parceria em prol da sua segurança, para que possam sustentar esse esforço. O povo afegão está cansado da guerra e almeja a paz, justiça e segurança económica. É nossa intenção ajudá-los a alcançar esses objetivos e pôr fim a esta guerra e à ameaça de reocupação pelos combatentes estrangeiros aliados à Al-Qaeda.

Não empreenderemos esses esforços sozinhos. Continuaremos a ter os afegãos ao nosso lado na luta, e a iniciativa vigorosa de forjar parcerias, visionada pelo General McChrystal, envolverá mais afegãos no combate pelo futuro do seu próprio país. A OTAN também alocará recursos adicionais. Estes aliados já assumiram compromissos importantes no Afeganistão, e discutiremos contribuições adicionais da aliança – em tropas, treinadores e recursos – nos próximos dias e semanas. Não se trata apenas de um teste da credibilidade da aliança – o que está em causa é ainda mais fundamental. Trata-se da segurança de Londres e de Madrid; de Paris e de Berlim; de Praga, de Nova Iorque, e da nossa segurança colectiva mais ampla.

Trabalharemos com os nossos parceiros, a Organização das Nações Unidas, e o povo do Afeganistão a fim de reforçar a nossa iniciativa civil para que o governo do Afeganistão possa assumir o controlo à medida que estabeleçamos uma maior segurança. O discurso de tomada de posse do Presidente Karzai transmitiu a mensagem certa sobre a mudança de rumo, incluindo o seu compromisso de reintegração e reconciliação, de melhores relações com os parceiros regionais do Afeganistão e de aumento gradual das responsabilidades das Forças de Segurança afegãs em matéria de segurança. Temos, contudo, de ver acção e progresso. Seremos claros sobre as nossas expectativas, encorajando e reforçando os Ministérios afegãos, os Governadores e os líderes locais que sirvam os interesses da população e combatam a corrupção. Não reforçaremos aqueles que não se responsabilizarem e não actuarem ao serviço do povo e do Estado afegãos. Concentraremos também a nossa assistência em áreas como a da agricultura, que possam ter um impacto imediato na vida do povo afegão.

ASSISTÊNCIA CIVIL – Um aumento contínuo e significativo no número de peritos civis acompanhará a infusão considerável de assistência civil. Eles estabelecerão parcerias a longo prazo com os afegãos para reforçar a capacidade das instituições governamentais nacionais e subnacionais e para ajudar a reabilitar os principais sectores económicos do Afeganistão para que os afegãos possam derrotar os insurgentes, que apenas prometem mais violência.

O crescimento é essencial para reduzir a atracção dos extremistas a curto prazo e para o desenvolvimento económico sustentável a longo prazo. A nossa prioridade primordial de reconstrução é implementar uma estratégia civil-militar para restabelecer o outrora dinâmico sector agrícola afegão. Isso ajudará a enfraquecer a insurgência em termos de combatentes e os rendimentos provenientes do cultivo da papoila.

Um dos pontos de destaque das nossas iniciativas de governação será o desenvolvimento de instituições mais receptivas, visíveis e responsabilizáveis no nível provincial, distrital e local, no qual os afegãos têm um contacto diário com o seu governo. Encorajaremos e apoiaremos também os planos revigorados do governo afegão para combater a corrupção, com medições concretas do progresso visando o aumento da responsabilização.

Um elemento chave da nossa estratégia política será apoiar os esforços promovidos pelo Afeganistão que visem a reintegração de talibãs que renunciem à Al-Qaeda, deponham as suas armas e se integrem ao processo político.

O NOSSO PARCEIRO NO PAQUISTÃO – A nossa parceria com o Paquistão está inextricavelmente ligada às nossas iniciativas no Afeganistão. Para garantirmos a segurança do nosso país, precisamos de uma estratégia que seja viável nos dois lados da fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão. O preço da inacção é muito mais elevado.

Os Estados Unidos estão empenhados em reforçar a capacidade do Paquistão de enfrentar os grupos que representam a maior ameaça a ambos os nossos países. Um porto seguro para os terroristas de alto nível cujo paradeiro seja conhecido e cujas intenções sejam claras não pode ser tolerado. Quanto ao Paquistão, continuaremos a incentivar a liderança civil e militar a prosseguir a luta contra os extremistas e a eliminar os portos seguros para terroristas no seu país.

Estamos actualmente concentrados em trabalhar com as instituições democráticas do Paquistão, aprofundando os laços entre os nossos governos e povos em prol dos nossos interesses e preocupações comuns. Estamos empenhados em manter uma relação estratégica de longa duração com o Paquistão. Já afirmámos este compromisso para com o Paquistão mediante a provisão de 1,5 mil milhões de dólares por ano, durante os próximos cinco anos, destinados a apoiar o desenvolvimento e a democracia no Paquistão, e liderámos uma iniciativa global para atrair garantias adicionais de apoio. Esse compromisso de assistência significativo e de longo prazo responde aos seguintes objectivos:

- (1) Ajudar o Paquistão a abordar os problemas imediatos de fornecimento de energia e água e outras crises económicas afins, aprofundando a nossa parceria com o povo do Paquistão e reduzindo a atracção dos extremistas;
- (2) Apoiar reformas económicas mais abrangentes, que são necessárias para colocar o Paquistão numa trajectória de criação sustentável de empregos e crescimento económico, a qual é necessária para a estabilidade e o progresso do país a longo prazo; e
- (3) Ajudar o Paquistão a potencializar o seu êxito no combate contra os militantes para eliminar os refúgios de extremistas que ameaçam o Paquistão, o Afeganistão, a região mais ampla e as populações em todo o mundo.

O aumento da assistência dos Estados Unidos ajudará o Paquistão a lançar os alicerces do desenvolvimento de longo prazo e reforçará também os laços entre os povos dos dois países, mostrando que os Estados Unidos estão empenhados em fazer face aos problemas que mais

afectam as vidas quotidianas dos paquistaneses, à medida que trabalhamos em conjunto para derrotar os extremistas que ameaçam tanto o Paquistão como os Estados Unidos.